

EDUCAR PARA A PAZ: A PAZ COMO EDUCAÇÃO*



Ivoni Richter Reimer**, Elisa Rodrigues***, Hélyda di Oliveira****

O contexto contemporâneo e as controvérsias instauradas no seio da sociedade serão considerados no que dizem respeito aos processos de violências e de invisibilizações de camadas da população não apenas brasileira, representadas por pessoas empobrecidas, comunidades indígenas, afro-brasileiras, LGBTQs, quilombolas, de periferia, ribeirinhas, campesinas, dentre outras e entre elas sempre mulheres, crianças, pessoas doentes e idosas. Neste dossiê temático propomos refletir a partir da pergunta: como os espaços de formação e de capacitação para a conscientização quanto à dignidade humana e aos direitos e deveres que circundam a cidadania política podem efetivamente contribuir para uma educação que promova a paz e a humanização das nossas relações sociais? E como as religiões, por meio de seus discursos e práticas, interpelam esses espaços formativos com suas éticas, moralidades e doutrinas? Como refletimos, conceituamos e vivemos a paz nesses contextos?

* Recebido em: 02.08.2019. Aprovado em: 13.08.2019.

** Pós-Doutora em Ciências Humanas (UFSC). Doutora em Teologia e Ciências da Religião (Universität Kassel). Graduada em Teologia (Faculdades EST). Docente na PUC Goiás. Bolsista Produtividade CNPq. *E-mail*: ivonirr@gmail.com

*** Doutora e Mestre em Ciências da Religião (UMESP). Doutora em Ciências Sociais (UNICAMP). Graduação em Sociologia e Política (FESPSP) e em Teologia, com Especialização em Ensino Religioso (FTBSP). Docente na UF JF. *E-mail*: elisa.erodrigues@gmail.com

**** Doutoranda e Mestre em Ciências da Religião (PUC Goiás). Estágio Doutoral (Universidade Ramon Llull, Barcelona – Espanha). Graduada em Educação Física (UEG). Diretora Geral da UNIPAZ Goiás. *E-mail*: helydadioliveira@gmail.com

São bem-vindos neste dossiê artigos científicos que socializem estudos e investigações que tematizem a interface entre educação, formação cidadã, religiões e paz (CHAMADA do Dossiê Temático Educação Para A Paz, 2018, <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/index>).

Esta foi a ementa formulada pelas organizadoras deste Dossiê Temático, publicada no site da Caminhos. As reações foram positivas e produtivas, compondo esse número do v. 17 do periódico.

Durante o processo de recepção e avaliação de artigos submetidos à Caminhos, para este Dossiê, percebemos que realmente vivemos tempos em que urge reinvindicar do verbo educar também o sentido de transformar. E transformar pede o complemento: o que?, ou: quem?. O que transformar, quem transformar? Essas são perguntas, que seguidas do como, ladearam, orientaram e comoveram os(as) articulistas desse dossiê, cujo tema colocou em pauta Educação para a Paz.

A proposta e a resposta recebidas evidenciam que o pensamento fundamental concentra-se especialmente na educação e na ação de educar como atos mediadores, potencialmente capazes de promover a transformação social, em nível individual e coletivo. Pensamos na ação de educar como um dos atos mais revolucionários e criativos contemporaneamente necessários. Esta percepção e necessidade estão presentes em espaços escolares públicos, em ambientes escolares privados, em agências não governamentais, espaços eclesiais, partidos, sindicatos, coletivos, movimentos populares das mais diversas espécies. E isto demonstra que a educação e o ato de educar são sempre revolucionários, porque descortinam horizontes de sentido, abrem novas veredas de possibilidades e contribuem para a formação das pessoas nos seus lugares, respeitando as suas trajetórias e vivências. Esta educação é revolucionária, pois respeita e transforma.

O potencial revolucionário do ato de educar, dentre outras propriedades, resguarda a característica de permitir às pessoas que construam conhecimentos, que testem aquilo que já sabem, reflitam acerca disto e que experimentem novas formas de viver a existência. Nisto consiste a força revolucionária da educação e do ato de educar: fazer do conhecimento um instrumento para a emancipação das pessoas, por meio do incentivo à crítica, à reflexão e à consciência de si, dos direitos que temos e dos deveres, os quais todos e todas, igualmente, gozamos. Essa é a educação que, na concepção de Paulo Freire, excede o modelo bancário¹, segundo o qual as pessoas recebem passivamente as informações como se fossem dados absolutos. Educação transformadora estimula a criatividade de cada um e de cada uma, na expectativa de que tal estímulo lhes proporcione ocasião de

reflexão sobre aquilo a respeito do que são informados. O estímulo e a liberdade supõem, entretanto, que a realidade desses educandos e educandas – a experiência de cada um(a) – seja considerada a matéria prima do processo de ensino-aprendizagem. Noutras palavras, os conhecimentos são apresentados aos educandos e às educandas num quadro que os(as) coloca em perspectiva com a vida e biografia de cada um(a). Nada é menosprezado e tudo pode ser significado e ressignificado à luz de novas perguntas. Por isto, esta educação também pode se constituir como libertadora.

Neste sentido, educar - e sobretudo educar para a paz - requer de nós novas e boas perguntas. Trata-se de questões que tenham como pressuposto que a educação enquanto processo e o ato de educar enquanto ação devem mirar o mundo em relação ao ‘agora’ e simultaneamente em relação ao futuro, sempre na perspectiva de preservar a diversidade e transformar culturas de violência. Afinal, educar, para além de ensinar e transmitir saberes, é também prática que pode levar-nos a uma melhor compreensão do mundo, a fim de que também melhor o compartilhemos. A ênfase aqui, neste sentido, deve recair sobre uma outra característica do ato de educar, que é compreender. Mais do que descrever o mundo, cabe compreendê-lo.

Freire (1998, p. 34), a respeito da educação prescritiva (que apenas descreve o mundo), lembra-nos que a “prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra”. Por isso, a educação prescritiva tem caráter alienador que produz consciências passivas, por meio de pautas estranhas aos educandos e às educandas. Tal forma de educar baseia-se em um tipo de relação que é dissertadora, isto é, constituída de sujeitos narradores de um lado e, do outro, “objetos pacientes, ouvintes – os educandos” (FREIRE, 1998, p. 57).

Nestes termos, a distância entre os espaços de educação e educandos(as) obstaculiza a prática de ensino centrada na realidade do aluno(a) e na riqueza de sua cultura, a que nos referimos anteriormente como experiência. Modelos de educação prescritivos reificam formas de paternalismo nas relações sociais e repõem a noção de que é necessário que a população seja sempre ‘protegida’ pelo Estado. Diferente disso, a educação criativa para a autonomia das pessoas e para a transformação social busca ressaltar a incumbência do Estado em zelar pela garantia dos direitos e deveres dos(as) cidadãos(ãs), concedendo-lhes dispositivos para o uso-fruto das suas liberdades individuais com responsabilidade.

Com Paulo Freire, compreende-se que a autonomia enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir-a-ser. E é neste sentido que uma pedagogia da autonomia valoriza experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, em conjunto com experiências respeitadas da liberdade (FREIRE, 1996, p. 118-19). Para nós, tal processo educativo, que se traduz numa experiência de ensino-aprendizagem transformadora, vai se delineando também como uma

experiência que oportuniza a Paz, na medida em que estimula a compreensão dos(as) educandos(as)-cidadãos em seu contexto social e político, por meio de três níveis: a compreensão do ambiente social, a capacidade de conceituá-lo e a habilidade de desenvolver práticas de intervenção. Disso faz parte o processo de conscientização de vivermos em contexto histórica e culturalmente produzido e, portanto, também transformável, de assimetrias sociais, étnicas, de classe, de gênero e de gerações.

Em oposição a uma prática de ensino evasiva e distante das pessoas, voltada para a descrição e a passividade e para o não desenvolvimento de habilidades criativas e críticas, a educação reflexiva pressupõe o diálogo com as alteridades como metodologia, e a experiência de todos e todas envolvidas nesse processo, como matéria-prima a partir de onde conteúdos podem ser desenvolvidos.

O ato de educar para a problematização, a compreensão e a transformação do mundo é, portanto, dialógico. Esse tipo de educação faz dos conteúdos da experiência de cada um/uma envolvido(a), a pauta das ações educativas, sobretudo, das ações que objetivam não apenas o conhecimento pelo conhecimento, mas a construção de saberes que contribuam para a humanização das relações sociais, a promoção de equidade social e a construção de um mundo melhor para todos e todas. Por essa razão, dedicamos este volume a artigos interessados nas interfaces entre Educação e Paz.

Há várias abordagens e concepções do que seja a paz. Há várias formas de viver – ou não – a paz. Esta paz tem se tornado também em tema buscado em nível individual e também coletivo. Esse interesse reflete uma ânsia por viver e manifestar um estado de harmonia, plenitude e bem estar pessoal e social.

Weil (2011) compreende que a paz não é ausência de conflito, mas um estado de consciência, um modo de ver e viver a vida, que ocorre em três dimensões: pessoal, social e ambiental.

O nível pessoal compreende a paz no corpo, nas emoções, na mente e no espírito. A paz no nível social estrutura-se em outros quatro níveis, que são: o intrapessoal, o interpessoal, o intragrupal e o intergrupar. Por fim, no nível ambiental, a construção da paz envolve o reconhecer-se como parte da natureza e do cosmos.

Este modo de ver a vida tende a transformar a relação do ser humano consigo mesmo, com as pessoas e com o meio ambiente. Trata-se da visão que compõe o que denominamos Educação para Paz: um convite para que cada um e cada uma possa encontrar em si mesmo(a) os caminhos para ser viver em paz.

O processo de racionalização da modernidade, além de todos os benefícios qualitativos nas diversas áreas de saúde, tecnologia, economia, dentre outras, também gerou o ser humano fragmentado e compartimentalizado, fruto da fantasia da separatividade. Esse é o processo pelo qual o ser humano se vê separado de tudo ao seu redor e é uma das causas da destruição do estado de paz e a con-

sequente proliferação da violência, provocada pelos indivíduos em todos os setores e dimensões da vida.

Desta maneira, o ser humano sente a necessidade de apegar-se a tudo que lhe dá prazer, a rejeitar tudo que lhe causa dor, ou ser indiferente ao que não lhe causa nem dor nem prazer. Esta é a base do stress, da doença e da violência em muitos níveis. Como superar isto? Apostamos que seja por meio da educação, de uma pedagogia que torne o indivíduo o protagonista do resgate de si mesmo, no intuito de reencontrar os meios pelos quais possa superar a violência e reeducar-se para encontrar e construir a paz.

A Educação para a Paz, mais do que uma pedagogia, é um modo de viver, é também um convite para se resgatar valores essenciais para a preservação da vida, como a cooperação, o cuidado, a criatividade, a felicidade, a solidariedade, a compaixão e também a transcendência, pois considera o potencial pleno do ser humano nas suas relações.

Se a paz não é ausência de conflito, como estar em conflito e ainda assim viver em paz? Com base nessa problematização pode-se pensar como via possível que a paz é ação, é movimento, é agir em direção àquilo que transforma a dor em amor, a dualidade em unidade e a guerra em paz. Como? Por meio da educação.

Neste sentido, a ação de trilhar dentro de si mesmo(a) este potencial gerador da paz pessoal, social e ambiental apresenta-se como um caminho. Para isso, existem recursos e eles estão todos disponíveis, dentre eles o que afirma o preâmbulo da Unesco: “Se as guerras nascem na mente dos homens, logo é na mente dos homens que devem ser erguidos os baluartes da paz”.

O caminho é estreito, as trilhas precisam ser desbravadas e tratadas com cuidado. Muitos foram os artigos recebidos para compor este Dossiê; nem todos aqui estão. Todos eles objetivam despertar para este potencial humano, no intuito do vir-a-ser, num processo constante de autoconhecimento e autodescoberta, com a finalidade de viver e conviver com a diversidade como florescimento da humanidade que todos nós somos juntos(as).

A paz já é uma trilha antiga. Ela é tão antiga quanto a vida! Desde primórdios houveram anseios e clamores pela paz, porque a vida nunca foi totalmente livre da ganância, da violência, do ódio. Às vezes já foi e ainda continua sendo assim que discursos e práticas proclamam a paz, mas estão impregnados de guerra, hostilizações, rancores e soberba...²

O Dossiê foi organizado de tal forma a compor um corpo inteiro, mas diferente em si mesmo. São várias e diferentes abordagens, subáreas de conhecimento em pauta, e diversas são também as perspectivas. Temos artigos em línguas diferentes. Há textos que partem da violência para afirmar a necessidade da construção da paz. Outros comunicam experiências criativas e formativas que servem de encorajamento para nos tornarmos instrumentos da Paz. Em comum,

todos eles pressupõem a Educação como constituinte necessária dessa construção. Assim, a beleza e a riqueza das contribuições são característica desse corpo inteiro que é diferente em si.

Abrimos o Dossiê com o artigo “Contribuições das Ciências das Religiões e da Leitura Bíblica não confessional na Educação para a Paz”, de prof. Dr. Hiran Pinel (UFES), Ms. Herberth Gomes Ferreira (UFES), Ms. Joilson de Souza Toledo (PUC Goiás). Superação da violência e busca pela tolerância compõem elementos fundamentais e ecumênicos para a convivência democrática na esfera pública, e do Estado se reivindica o cumprimento de sua função de proteção de todas as pessoas para garantia de uma vida em paz.

Três artigos em língua estrangeira tematizam experiências da violência e a busca pela paz possível e necessária em nível global. O prof. Dr. Klaus Vellguth (Alemanha) trata da violência religiosa fundamentalista, em seu artigo “Religionen unter Gewaltverdacht: Theorien zum Verhältnis von Monotheismus und Gewalt werden durch empirischen Befund ergänzt”. Destaca as ambiguidades de religiões monoteístas em nível mundial, com suas características humanitárias e simultaneamente com suas manifestações de violência. Sustenta a necessidade da abordagem e de ações interdisciplinares e pluri-inter-religiosas para superação de assimetrias ligadas a qualquer tipo de fundamentalismo religioso e político, que visam a construção da paz e da justiça. Neste viés, também o prof. Dr. Paulin Poucota (República do Congo) escreve especificamente sobre “Gewalt und Religion in der Bibel”, em perspectiva multi-religiosa e interdisciplinar. Afirma que formas de violência narradas na Bíblia estão vinculadas com as buscas por sua superação. As representações de Caim, Abel, Adão, Isaque e Abraão são indicativas para refletir sobre o poder e a decisão de realizar ou não a vontade de Deus, que quer paz e justiça. A construção da paz e da humanização das relações têm em Jesus seu maior artífice. Em forma de ensaio – “Religionen und Gewalt: ein Essay” –, o prof. Dr. Michael Amaladoss SJ (Índia) pressupõe a violência inter-religiosa como fenômeno cotidiano mundial, cuja responsabilidade atribui às próprias religiões. Elas, que têm potenciais de construir a paz, motivam pessoas a viver a guerra e todas as formas de violência. Focando no Oriente Médio e especificamente também em Sri Lanka, afirma que o fundamentalismo religioso-político é o mentor dessa realidade, e conclama as religiões a (re)descobrirem de sua energia em favor do diálogo, da justiça e da paz, em todas as partes do mundo.

Perscrutamos, nesse nosso corpo inteiro, que uma forma de prevenir e superar a violência é a Educação desde a mais tenra idade. Por isso, apresentamos o artigo “Cuidar, brincar e educar na Educação Infantil: educação para a paz – aprender e respeitar a diversidade”, da profa. Dra. Claudete Beise Ulrich (UNIDA) e da Ma. Martinélia Rodrigues de Almeida Grasselli (Prefeitura de Vitória - ES).

Realidade social, sonhos e ações são componentes de uma educação libertadora e responsável em prol da liberdade que respeita a diversidade. Com base no Estatuto da Criança e do Adolescente e em um projeto interdisciplinar de ação social e pedagógica, o artigo demonstra possibilidades da Educação para a Paz e a necessária convivência dialógica em meio a conflitos.

Nas trilhas da educação formal também seguem os artigos que tematizam o Ensino Religioso. A profa. Dra. Laude Erandi Brandenburg (Faculdades EST) e o Msdo. Renan da Costa Ferreira (Faculdades EST) escrevem sobre “O Ensino Religioso e a BNCC: Possibilidade de se educar para a paz”. No processo formativo e na convergência para uma Educação pautada na Paz, valorizando os Direitos Humanos, a alteridade e o diálogo, percebe-se a necessidade de proposições pedagógicas para que os pressupostos de cultura de paz possam ser implementados, e a paz, durante esse processo, possa ser vivenciada. Nessa perspectiva, a psicologia e a própria vivência da violência têm sua contribuição para o Ensino Religioso, como mostra o artigo “Educação para a Paz: interfaces entre o Ensino Religioso e o pensamento de Viktor Frankl”, do prof. Dr. Thiago Antonio Avellar de Aquino (UFPB) e da Ma. Josilene Silva da Cruz (UFPB). A partir da vivência em sala de aula das Ciências das Religiões e do diálogo com Viktor Frankl, que vivenciou horrores da Guerra, a pesquisa mostra que as atividades estéticas contribuem para a promoção de um espírito humanístico e que a busca pela paz, como pelo bem, torna-se imperativa para a construção de uma cultura da paz.

Construção e promoção da cultura da paz são os temas centrais também dos artigos da Dranda. Arlete Silva Acciari (Unicamp) – “A educação e valores como caminho para a cultura da paz” – e da Dranda. Hélyda di Oliveira (PUC Goiás) – “Novas Religiosidades e a promoção da cultura da paz” –. Pressuposto é o respeito mútuo, inclusive em relação a novas formas de religiosidade. Metodologicamente se privilegia passos para uma vivência da paz nos níveis pessoal, social e ambiental, adotada e promovida pela Unesco, bem como a abordagem transpessoal em processos educativos e formadores de valores.

Dois artigos contribuem com este Dossiê, destacando a promoção da paz e da justiça como pressuposto de um desenvolvimento humano, técnico-científico e social sustentável. O prof. Dr. Alвори Ahlert (Unioeste) e a profa. Dranda. Neiva Feuser Capponi (Unioeste) escreveram Paz, Justiça e Instituições Fortes: os objetivos do desenvolvimento sustentável [ODS] como referente para a Educação para a Paz. Em foco estão os ODS da ONU em sua plena valorização da vida em sua integridade e na afirmação da equidade entre os povos. Desenvolvimento precisa da Educação como instrumento da construção da Paz no conjunto da sustentabilidade. A perspectiva é, assim, combater a cultura da violência que se instalou no planeta. Com isso, percebe-se que, sem

garantir e consolidar Direitos Humanos, a paz não será possível, bem como impossível fazer e ter paz sem uma cultura que promova a Paz como caminho. Assim, o artigo “A Cultura da Paz, Direitos Humanos e Educação para a Paz em prol do Desenvolvimento”, da profa. Dra. Maria Virgínia de Salles Garcez (Unipaz-Bahia) e do prof. Drando. Fábio da Silva Santos (UFBA) adentram e incentivam diálogos entre Cultura da Paz, Direito e Desenvolvimento como desafios globais contemporâneos, em todos os níveis de relações.

Um mapeamento histórico-bibliográfico foi feito da Campanha da Fraternidade (CF), Projeto desenvolvido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em relação à sua contribuição para processos de Educação para a Paz, e apresentado no artigo “Educação para a Paz: uma Leitura a partir da Campanha da Fraternidade”, pelo Me. Francisco Mário de Sousa Silva (UFCA). Um dos resultados é a afirmação de que a CF tem motivado e sustentado práticas educativas de ruptura em relação a estruturas hegemônicas de poder e que, assim, fomenta reflexão e ação nesta construção da paz.

Junto com as atividades da Campanha da Fraternidade, no Brasil, finalizamos este Dossiê com um texto-testemunho que vem de longe, para evidenciar que a construção da paz por meio de uma Educação para a Paz é uma necessidade e um desafio vitais e urgentes, sempre de novo, em todo o planeta, em todos os níveis de relação. Assim, o ‘longe’ está aqui perto; e o ‘perto’ nosso de cada dia também está no ‘longe’ de outros corpos e lugares. Do Líbano, trazemos o artigo de profa. Dra. Nayla Tabbara (ADYAN Foundation) e da assessora Michelle Moubarak (ADYAN Foundation), intitulado “Vielfalt schafft Einheit: die besondere Friedensarbeit der ADYAN Foundation”. A própria vivência de violências fez com que elas contribuíssem com o trabalho pela paz por meio da Educação, especificamente nesta Fundação, em Beirute, que já completa 12 anos. No mundo árabe, sua contribuição atende necessidades emergenciais (asilo, comida) junto a crianças e a jovens, e se estende por meio de plano estratégico multi-religioso em nível político, educacional, social e religioso. A expectativa é de alcançar, até 2026, Institutos de Formação para Cidadania e Diversidade também no Iraque, na Jordânia e no Maroco, atuando, inclusive, na necessária formação de diplomatas. Se a construção da Paz é possível, ela deverá ser experimentada entre as religiões, como no caso específico, entre Cristianismo e Islamismo. E se este trabalho testemunha a possibilidade de construir, lá no Líbano, relações mais plurais e pacíficas entre diferentes, é certo que esta experiência não deverá ficar restrita ao mundo árabe...

A Paz é caminho! Ele inicia a partir do ser humano que almeja viver em uma sociedade fraterna, amorosa e, sobretudo, pacífica. A Paz também é caminhada que acolhe quem se dispõe a andar no Caminho!

Desejamos boas leituras, reflexões e ações transformadoras a partir e desde os processos de Educação para a Paz e da Construção de Cultura da e para a Paz!

Notas

- 1 A concepção e prática “bancária” de educação reforça “uma ação social de caráter paternalista, em que os oprimidos recebem o nome simpático de assistidos [...] meros marginalizados, que discrepam da fisionomia geral da sociedade” (FREIRE, 1998, p. 60).
- 2 Vários capítulos publicados em Richter Reimer e Reimer (2018) podem contribuir para aprofundar enfoques, perspectivas e reflexões acerca da temática. *Trilhas da Paz* apresenta resultados de pesquisa docente e discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

RICHTER REIMER, Ivoni; REIMER, Haroldo (orgs.). *Trilhas da Paz*. São Leopoldo: Oikos, 2018.

WEIL, Pierre. *A arte de viver a vida*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

WEIL, Pierre. *A arte de viver em paz*. 12. ed. São Paulo: Gente, 2012.